

Experiências itinerantes da primeira turma da Universidade Federal do Paraná (1975-1978)

Alexandre Antonio de Oliveira (UFPR, Brasil)
aleantoli@gmail.com

Ronaldo de Oliveira Corrêa (UFPR, Brasil)
olive.ronaldo@gmail.com

Experiências itinerantes da primeira turma da Universidade Federal do Paraná (1978-1978)

Resumo: Este artigo tem por objetivo evidenciar as sociabilidades e circulações de discentes da primeira turma de Desenho Industrial e Comunicação Visual da Universidade Federal do Paraná, entre 1975 e 1978, sobre suas experiências formativas na cidade de Curitiba para uma reconstrução de circuitos e práticas de espaços na constituição de sujeitos a partir da história oral. Este trabalho faz parte da pesquisa de maior abrangência, em andamento, sobre as memórias, experiências, sociabilidades e trajetórias de discentes da primeira turma (1975 a 1978) de comunicação visual e desenho industrial da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Entendemos na pesquisa que a constituição dos sujeitos é um tema que abrange diversas áreas de investigação, que inclui os processos sociais de troca de valores e significados pautados pelas sociabilidades, trajetórias, práticas e saberes.

Palavras-chave: História do ensino do design. História oral. Práticas de espaço

Itinerant experiences of the first class at the Federal University of Paraná (1975-1978)

Abstract: *This article aims to highlight the sociabilities and circulations of students from the first class of Industrial Design and Visual Communication at the Federal University of Paraná, between 1975 and 1978, about their formative experiences in the city of Curitiba for a reconstruction of circuits and practices of spaces in the constitution of subjects from oral history. This work is part of a larger ongoing research about memories, experiences, sociabilities and trajectories of students from the first class (1975 to 1978) of visual communication and industrial design at the Federal University of Paraná (UFPR). We understand in the research that the constitution of subjects is a theme that covers several areas of investigation, which includes the social processes of exchange of values and meanings guided by sociabilities, trajectories, practices and knowledge.*

Keywords: *History of design education. Oral history. Space practices.*

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo evidenciar por meio das sociabilidades e circulações de discentes da primeira turma de Desenho Industrial e Comunicação Visual da Universidade Federal do Paraná, entre 1975 e 1978, suas experiências formativas na e mediadas pela cidade de Curitiba, no Paraná. Isso, para uma reconstrução de circuitos e práticas de espaços que produziram efeitos na constituição de sujeitos. Este trabalho faz parte de pesquisa de maior abrangência¹, em andamento, sobre as memórias, experiências, sociabilidades e trajetórias de discentes da primeira turma (1975 a 1978) de comunicação visual e desenho industrial da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Entendemos que a constituição dos sujeitos é um tema que abrange diversas áreas de investigação, inclui os processos sociais de troca de valores e significados pautados pelas sociabilidades, trajetórias, práticas e saberes.

Conceitualmente, tomamos por base as formas pelas quais o passado é reconstituído por lembranças, buscando, dessa forma, reconstruir experiências e algumas histórias da formação de discentes na área do design, por meio da reunião de fragmentos narrados por alguns daqueles atores. Neste sentido, o principal tipo de fonte desta pesquisa é a oral, produzida por entrevistas. Seguimos a perspectiva de Bosi (1979, p.58) quando menciona que o “instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem”. A partir da linguagem, em especial a narrativa, buscou-se reconstruir histórias e experiências desse grupo. Em vista disso, tratou-se não somente de memórias individuais, mas também de memórias coletivas.

Recorremos a Halbwachs (1990) na afirmação de que toda memória individual corresponde à memória coletiva tangenciada pela sua temporalidade, espacialidade e interação. Sendo assim, vimos as narrativas memorialistas como uma maneira de (re)construção de identidade social entrelaçada por uma teia imbricada de outras identidades, a saber, a identidade profissional de designer.

Na perspectiva de Bosi (1979), há nitidamente diferença entre o vivido e o lembrado, permitindo diferentes versões de um mesmo fato. Verdades particulares acabam sendo advogadas como verdades coletivas, uma vez que os narradores são sujeitos de suas próprias narrações sobre o vivido. Entendemos, portanto, a memória não como um processo estático, mas um fenômeno dinâmico, sempre a ressignificar o que se lembra e o como se lembra.

1 OLIVEIRA, 2021.

Esse aprofundamento teórico sobre a memória articulamos ao conceito de experiência e saber da experiência, proposto por Bondía (2002, p.21). Para esse autor, a experiência é “o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. A partir dessa conceituação entendemos que o sujeito da experiência, como Bondía também declara, é um sujeito exposto, que se abre, aquele que padece, que é interpelado. Por isso, a experiência tem um componente fundamental, a saber, sua capacidade de formação ou transformação. Sendo o sujeito da experiência, portanto, aberto à sua própria transformação.

Além da experiência e o sujeito da experiência, há um terceiro fator na explanação do autor, o saber da experiência. Não se trata de um saber científico ou do saber da informação. Esse saber é “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (BONDÍA, 2002, p.27). Este saber está ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular e os sentidos atribuídos por esses à própria existência. Trata-se de um saber particular, subjetivo, pessoal.

Vinculamo-nos também a Simmel (1917). Esse autor atenta para a importância da subjetividade no exercício da sociabilidade. Entendemos, como o autor, que é fundamental considerar a individualidade e a subjetividade no processo de interação e associação com outros indivíduos e nas atividades que conduzem. Privilegiar a subjetividade e a sociabilidade, no universo de pesquisa proposto, significou valorizar as amizades, os encontros, as reuniões, as práticas, despidos de um caráter instrumental. Ao seguir os passos de Simmel, buscamos explorar com afincos a cultura subjetiva desses(as) interlocutores(as), em especial, a experiência.

Apoiados nisso, adentramos o plano da sociabilidade. Partimos da concepção de sociabilidade que Simmel (1971) propõe, de que ela é a play-form (forma lúdica) da associação. Ela não está presa a necessidades ou interesses específicos. No entanto, o próprio autor alerta que em todos os tipos de associação a sociabilidade está presente. Entrelaçamos a esse conceito a concepção de sociabilidade de Agulhon (2016), que ajuda a problematizar a formação de grupos voltando-se para os lugares, as instituições e os projetos em comum que permeiam esses conjuntos e apontam uma perspectiva simbólica subjacente: as redes por ela formadas. Essa visão também reflete o lado sensível das tramas, atravessadas por vínculos de afeição ou animosidades que podem ser compartilhados.

É a partir da memória que esse trabalho ganha consistência no indivíduo-sujeito. É na articulação e amarração entre eles que é dado significado à vida, às ações, à própria identidade. A constituição se dá a partir dessas

visões retrospectivas (e prospectivas, em termos de projeto) que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações dentro de uma conjuntura de vida, no elencar etapas de sua trajetória.

Nesta pesquisa, as sociabilidades e ações se deram em Curitiba no recorte temporal de 1975 a 1978. Para o entendimento dessas sociabilidades e as práticas na cidade, recorremos a autores que estabelecem noções nessa dimensão. Estabelecemos diálogo com Magnani (2014) ao definir os “trajetos”, ou seja, os fluxos recorrentes, desses atores sociais na cidade de Curitiba na dimensão temporal estabelecida a partir do conjunto de pontos localizados espacialmente. A partir dos trajetos e dos pontos, é possível reconhecer locais e áreas que marcam e viabilizam uma atividade ou prática predominante. Essas áreas Magnani define como “manchas”. Essas, por sua vez

Acolhe[m] um número maior e mais diversificado de usuários viabilizando possibilidades de encontro e não relações de pertencimento, [...] a mancha acena com o imprevisto, pois ainda que sejam conhecidos, o padrão de gosto ou pauta de consumo aí imperantes, não se sabe ao certo o que ou quem vai se encontrar. (MAGNANI, 2014, p.10)

Com os conceitos de trajeto e mancha foi possível identificar outras pessoas – além dos discentes e docentes dos cursos de comunicação visual e desenho industrial – que faziam parte do “circuito” do aprendizado e formação profissional do design entre 1975 e 1978. Magnani (2014, p.15) define circuito como “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo”.

O que Magnani (2014) trata nessas definições é a apreensão coletiva da cidade, não há a possibilidade de definir circuitos a partir de um indivíduo. Além da dimensão coletiva, buscamos também a apreensão da cidade pela escala humana, pelas experiências vividas e narradas. Baseamos essa transposição narrativa das maneiras de apropriação dos espaços em De Certeau (1994) reconhecendo que as descrições orais de lugares representam um corpus no qual possibilita “ver e ir” nestes locais a partir dos relatos, assim como estabelecer circulações e operações nesses espaços.

Assim como De Certeau (1994, p. 100), entendemos o espaço como “um lugar praticado”. Pela narração, os espaços são especificados a partir da ação dos sujeitos históricos. Há no discurso uma direção de existência e atividade. Merleau-Ponty (1999, p.391) afirma que “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas”. Consideramos, assim, as práticas narradas para determinar os espaços vividos, as apropriações, o mundo percebido.

Sendo a pesquisa circunscrita à investigação de práticas, saberes e sociabilidades a partir de documentos de diversas tipologias com ênfase aos depoimentos, estabelecemos nas práticas cotidianas o fio condutor temporal para as análises. Baseamo-nos em De Certeau (1994) quando demonstramos esse compromisso em narrar as “práticas comuns”, as “artes de fazer” dos praticantes, as operações desviantes e clandestinas. O tempo cotidiano preconizado por De Certeau busca uma inversão de perspectiva, um deslocamento de atenção recebidos e impostos pela criação anônima com suas regras próprias. São nessas ocasiões narradas em que apoiamos os modos de proceder – ou maneiras de fazer – destes(as) interlocutores(as).

Tendo como unidade de análise as experiências discentes da primeira turma do curso de Comunicação Visual e Desenho Industrial, entre 1975 e 1978, em Curitiba, realizou-se uma análise descritiva de como esses discentes construíram saberes, práticas e sociabilidades, a partir das suas biografias laborais, aulas, realização de atividades, encontros, espaços e episódios referentes a formação vocacional. Neste artigo, em especial, relatamos as práticas itinerantes da primeira turma na cidade de Curitiba.

2. Método

Foram coletados documentos em suas diversas tipologias, entre primários e secundários. Neste artigo pretende-se evidenciar a coleta de documentos por meio da entrevista e como estes levaram para uma reconstrução de práticas de espaços na constituição de sujeitos.

Algumas das técnicas utilizadas e descritas aqui, foram realizadas em concomitância com outros procedimentos, definindo estratégias e sendo definidas por outras, num e ir e vir de processos. A rede de interlocutores(as) é um destes procedimentos.

A construção da rede de interlocutores(as) se deu a partir de um deles, Antonio Razera Neto², que na ocasião do início desta pesquisa era colega de trabalho de um dos autores. Toni, como é chamado, sabendo desse trabalho e talvez por empolgação de saber que sua turma era objeto de pesquisa, passou a lista de discentes e docentes da primeira turma. Cabe relatar que a maioria dos(as) discentes desta turma mantinha e ainda mantém um canal de comunicação em um grupo do *Whatsapp*³. Com os contatos prévios via telefone ou mensagens, foram indicando outros contatos.

2 Todos(as) os(as) interlocutores(as) mencionados(as) na pesquisa autorizaram a publicação de seus nomes via Termo de Autorização.

3 Aplicativo de mensagens instantâneas. Endereço: <http://www.whatsapp.com>

Ao total, foram entrevistadas para esta pesquisa 9 interlocutores(as), sendo 3 docentes e 6 discentes à época. Apresentamos no quadro abaixo a relação dos(as) interlocutores(as):

Quadro 1. Rede de interlocutores(as) e relação das entrevistas

Entrevista	Relação com a pesquisa	data	duração
Airton Caminha	Docente e coordenador do curso a partir do ano de 1977.	25/07/2019	148 min.
José Humberto Boguszewski	Docente do curso a partir do ano de 1976	02/08/2019	151 min.
Virgínia Borges de Carvalho Kistmann	Docente do curso a partir da segunda metade do ano de 1975	21/11/2019	152 min.
Julio Eugênio Bertola	Discente concluinte do curso de Desenho Industrial	20/04/2020	72 min.
Newton Gama Junior	Discente concluinte do curso de Desenho Industrial	22/04/2020	62 min.
Marília Isfer	Discente concluinte do curso de Desenho Industrial e de Comunicação Visual	23/04/2020	49 min.
Antonio Razera Neto	Discente concluinte do curso de Desenho Industrial	15/09/2020	94 min.
José Antonio Campolim Meregé	Discente concluinte do curso de Comunicação Visual	17/10/2020	123 min.
Dulce Maria Paiva Fernandes	Discente concluinte do curso de Desenho Industrial	17/12/2020	100min.

FONTE: dos autores (2021) adaptado de Muller (2016)

Para este artigo foram utilizados 4 depoimentos dos 9 coletados: o de Antonio Razera Neto, Júlio Bertola, Marília Isfer e Newton Gama Junior. Para a presente pesquisa, não se pretende entrevistar outros(as) interlocutores(as). As entrevistas ocorreram em diversas condições e meios, negociando sempre com a disposição e disponibilidade de cada pessoa. A modo de explicitação do processo de negociação, a pessoa entrevistada definiu o local para registro do depoimento. Em todos os locais escolhidos a captação de áudio era propícia por não serem locais barulhentos ou movimentados. Devido à pandemia de COVID-19 e considerando todas as regras de distanciamento social, decidimos fazer quatro entrevistas por meio de videoconferência mediada pelo *Whatsapp* – entrevistas de Newton Gama, Julio Bertola, Marília Isfer e Dulce Fernandes.

A partir dos conceitos de história oral definidos por Meihy (1996), pretende-se nessa pesquisa mesclar um “projeto temático” com a “história oral de vida”. Partimos dos relatos dos interlocutores e interlocutoras e o uso, como apoio, dos dados obtidos por outros documentos, gerando uma “mescla de

situações vivenciais” e dando mais vivacidade aos relatos. Sendo assim, para as entrevistas, definimos uma estrutura de perguntas relacionadas à temática central da pesquisa. A partir desta estrutura foram desenvolvidos dois modelos de roteiros, um para os docentes e outro para os discentes, buscando os relatos de experiências sobre a formação, práticas, espaços e sociabilidades.

Para Barnes (1987, p.167), rede é “um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos”. A rede significa uma ligação direta entre os sujeitos determinados por diversas ligações de diferentes naturezas. No caso desta pesquisa, a ligação seria de amizade, reciprocidade e a partir das práticas e sociabilidades nas atividades dentro e fora do curso, no recorte temporal de 1975 a 1978 – período da formação.

A apresentação da rede de interlocutores, baseada no modelo sugerido por Barnes (1987, p.165), no qual pontos determinam as pessoas e as junções, linhas, ângulos e distanciamentos determinam as relações interpessoais, desta forma é possível ilustrar e visualizar redes e circuitos. Barnes (1987) também propõe a construção dessa rede a partir de uma “figura alfa”, uma pessoa central para o conjunto e a partir da qual se desenrolam diversas conexões. Nesta pesquisa determinamos como figuras-chave os “Irmãos Razera”, Dalton e Toni Razera. Justificamos a escolha por duas pessoas ao invés de uma: Dalton foi discente no curso de Comunicação Visual enquanto Toni foi discente no curso de Desenho Industrial. Suas trajetórias laborais percorrem tanto o campo acadêmico quanto o não acadêmico, abrangendo a rede de contatos possíveis para esta pesquisa.

Na tentativa de visualização de outros personagens dentro da amostra, inserimos na representação da rede parcial pessoas que faziam parte da turma ou docentes que foram mencionados nas entrevistas. De acordo com as menções estabelecemos as proximidades buscando visualizar uma rede mais robusta:

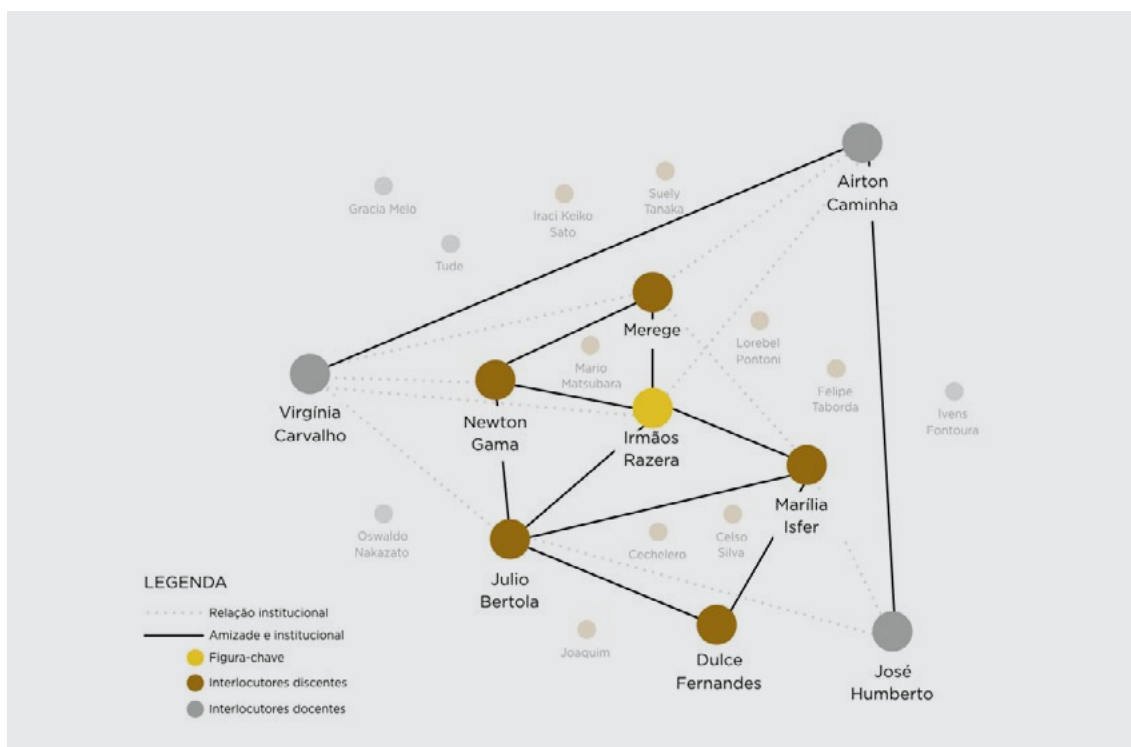


FIGURA 1. Representação da rede parcial dos discentes e docentes entre 1975 e 1978 – fonte: dos autores (2021)

Entendemos que a representação da rede de interlocutores nos ajuda a acessar algumas das conexões que estas pessoas firmaram no recorte temporal estabelecido e serve para entender de modo preliminar a complexidade de relações, experiências e sociabilidades. Assim, dentro desta rede o universo da pesquisa se evidencia. Trata-se de uma rede parcial. Barnes (1997) resume a rede parcial como “qualquer extração de uma rede total, com base em algum critério que seja aplicável à rede total”. No entanto, ressaltamos que tratando de narrativas e experiências individuais não é o intuito desta pesquisa trabalhar com uma amostragem probabilística.

A transcrição das entrevistas foi feita mantendo o sentido intencional dado pelo narrador, como sugere Meihy (1996). Foi utilizado o protocolo de transcrição elaborado por Corrêa (2008), que divide a conversa a partir de dois turnos de fala, indicando pausas e gestos integrantes ao modo de narrar do interlocutor ou interlocutora. Cabe salientar que todas as transcrições foram feitas por um dos autores, incluindo literalmente todas as palavras ditas, mantendo o acervo fraseológico e a caracterização vocabular dos(as) interlocutores(as). A primeira transcrição, ao passo que foi movida para o protocolo de transcrição, também foi revisada e sendo escutada mais uma vez. Esse processo permitiu dividir os turnos de fala assim como corrigir erros gramaticais e pontuações. Por fim, o documento foi enviado para a

revisão dos(as) interlocutores(as), por e-mail ou via *Whatsapp*, junto com uma mensagem explicando o procedimento de revisão.

A revisão das entrevistas pelos(as) interlocutores(as) foi feita de maneira remota e devolvida para os autores com seus devidos apontamentos. Este processo é de suma importância nos procedimentos da história oral, como indica Meihy (1996), uma vez que o colaborador tem ampla liberdade de revelar apenas o que lhe é liberado pelo próprio juízo, consciência ou memória. Dessa forma, é respeitada a opinião e posição da pessoa em expor ou não fatos e o desejo de não tornar público informações específicas. Nas revisões ocorreram ajustes mínimos ou omissões de trechos das transcrições. No entanto, toda mudança foi anotada no diário de pesquisa para análise posterior.

Os locais mencionados nos documentos e nas entrevistas como pontos de sociabilidade ou de experiências durante a formação destes discentes foram pontuados em um mapa de Curitiba para entender a circulação deles na cidade. Os espaços mencionados com certa profundidade também foram reconhecidos e cartografados em sua arquitetura. Buscamos com isso estabelecer onde esses episódios e experiências ocorreram (lugares) e de que forma ocorreram (espaços). O modelo de Infográfico de Espaços se encontra abaixo na figura 02 com o exemplo da fotografia do Campus Reitoria, localizado no centro da cidade de Curitiba.

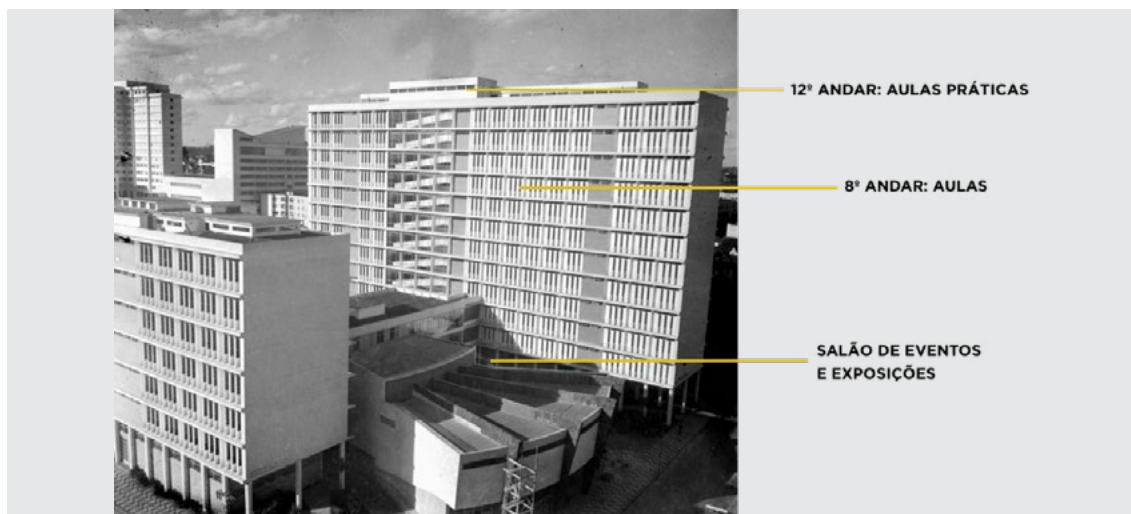


FIGURA 2. Infográfico dos espaços – fonte: dos autores (2021)

Nesse complexo de característica modernista existem dois edifícios, um teatro e um prédio administrativo. Para melhor entendimento das circulações e das práticas, todos os espaços indicados nas entrevistas foram assinalados, como na figura acima. Também foram coletadas diversas fotografias desses

lugares à época para melhor entendimento da articulação desses lugares com outros espaços, na tentativa de circunscrição de territorialidade que vinculariam afetivamente sujeitos, paisagens e práticas. Cabe lembrar que para esta pesquisa valorizamos a transposição narrativa das maneiras de apropriação dos espaços reconhecendo as descrições orais de lugares, como preconiza De Certeau (1994). As imagens fotográficas e o Infográfico de Espaços nos servem como apoio para a localização e entendimento dos lugares.

Para a codificação temática das entrevistas procedemos pela definição de núcleos temáticos a partir da recomendação de Miles, Huberman e Saldaña (2014). Entendemos que os núcleos temáticos são qualificados em função do aprofundamento teórico, das descobertas da pesquisa de campo e da articulação entre esses dados, assim como Laperrière (2014) aconselha. Abaixo trazemos o Quadro 2 com os núcleos temáticos estabelecidos:

Quadro 2. Quadro de temas para codificação temática

Design	Teorias, metodologias e formulações acerca da disciplina do Design na época
Contexto cultural de Curitiba	Aspectos políticos, econômicos e culturais de Curitiba na década de 1970
Design em Curitiba	Pessoas, espaços, instituições, políticas reconhecidas por atividades de design em Curitiba
Sociabilidades	Espaços de encontro e sociabilidade
Práticas	Atividades relacionadas à formação
Saberes, técnicas e materialidades	Modos de acesso e circulação de saberes, técnicas e materialidades.
Temporalidade	Articulações temporais sobre as práticas e nas atividades de formação e profissional

FONTE: dos autores (2021)

Com a codificação realizada e estabelecidos os núcleos temáticos, foi realizado o procedimento de cotejamento dos depoimentos com os dados sistematizados das fontes e os conceitos estabelecidos para a interpretação. A análise e interpretação foi realizada a partir de roteiros que pretendiam evidenciar a espacialidade e sua temporalidade habitada por esses jovens designers em formação. Ao modo de exemplo, no próximo item será apresentado fragmentos em que essa estratégia metodológica foi operacionalizada em texto descritivo e analítico. Entendemos esses textos como narrativas que performam versões da história do design em Curitiba, mais especificamente, na UFPR.

3. A turma itinerante: sociabilidades e circulações

Nessa seção buscamos narrar histórias da formação dos(as) discentes evidenciando as sociabilidades nos espaços e trajetos. A pretensão é de reconstruir a partir das memórias destes sujeitos as experiências atribuídas ao processo de constituírem-se designers. Temos como chave de entendimento e interpretação a reconstrução das narrativas coletadas em campo. Também entendemos que essa constituição em designers se dá não somente pelo conhecimento adquirido na área, mas pelas vivências dentro e fora das salas de aula e dos ateliês. Sendo assim, como estratégia auxiliar, buscamos mapear e apresentar esses diversos lugares e espaços. A partir das narrativas, e com este mapeamento e apresentação, identificamos nos espaços, trajetos, manchas e circuitos, as práticas e sociabilidades.

Procuramos apresentar os desdobramentos das análises documentais e de conteúdo em diálogo com fragmentos narrativos dos(as) interlocutores(as) da pesquisa. Este jogo permite acionamentos e tensionamentos a partir de suas próprias enunciações favorecendo a explicitação das diversas histórias dentro do universo da pesquisa. Para referenciar as personagens utilizaremos seus apelidos, tentando aproximar o(a) leitor(a) dos sujeitos e suas memórias.

Quando propomos o caráter itinerante da turma para reconstruir as experiências de formação discente e a constituição deles(as) em designers é preciso abordar a cidade como um local que propicia proximidades e distanciamentos entre os sujeitos que nela circulam, aos moldes da cidade moderna proposta por Simmel (1917). Nesta cidade, vemos o indivíduo que nela circula como ponto privilegiado de cruzamento dos círculos sociais e com interações de proximidade e distância. Este indivíduo, sintetizado por Simmel na figura do estrangeiro, é marcado pela mobilidade, entra em contato com um grupo por certo período, porém, sem vínculos orgânicos de parentesco e localidade. Desta forma, não tomando a cidade como algo já dado e como unidade explicativa, é possível conceber relações que podem ir além das fronteiras restritas dos recortes estabelecidos e favorece o entendimento das movimentações a partir das circulações desses sujeitos.

Da mesma forma que a cidade toma contornos relacionais para favorecer a análise e possibilidades de interpretação das circulações, privilegiamos a figura do cidadão para reconhecer os sujeitos que nela circulam. Seguimos a proposta de Heitor Frúgoli Jr. (2007, p.7) que traz o cidadão como esse sujeito que

ocupa espaços urbanos, desloca-se por seus diversos territórios e estabelece relações de proximidade e distância com outros cidadãos, em contextos específicos e situados.

A cidade, este local dinâmico que proporciona relações objetivas entre seus cidadãos, pode ser observada de diferentes maneiras no que se refere à dinâmica de seus habitantes e às formas de sociabilidade. Escolhemos a concepção de circuito, proposta por Magnani (2014), e entendemos as circulações dos(as) discentes na cidade como prática formativa no processo de constituição destes(as) em designers. Esta estratégia, formulada a partir dos dados confrontados em campo, valoriza não somente os trajetos realizados pelo sujeito no seu ir e vir como também as práticas sociais e formativas desses espaços diversos. Esse caráter itinerante do grupo é lembrado pela discente Marília Ísfer quando ela afirma: “não tínhamos sala!”. (ISFER, 2020)

A ausência de professores especializados no departamento do curso e de um local fixo com estrutura para as atividades práticas (OLIVEIRA, 2021) fez com que a primeira turma tivesse que se deslocar pela cidade para além dos campi da Universidade Federal do Paraná. Diferente de turmas de outros cursos da própria Universidade, que esporadicamente se deslocavam entre campi para assistir aulas em outros departamentos, os(as) discentes da primeira turma de desenho industrial e comunicação visual tiveram que se deslocar por vários locais durante toda a sua formação acadêmica. “Não ter sala” indica, além da falta de um território fixo, a constituição de um grupo que circulava pela cidade: os(as) designers, os(as) pioneiros(as), os(as) desbravadores(as).

A intenção não é interpor ao texto um tom de origem ou de gênese. Trazemos necessariamente tais termos evocados pois quase todos(as) os(as) interlocutores(as) discentes se reconhecem como tais: precursores(as) de um curso. De fato, foram os primeiros alunos de um curso novo que foi, reconhecidamente, o primeiro curso superior da área do design no Sul do Brasil⁴. Sendo assim, nota-se o tom aventureiro quando esses(as) interlocutores(as) compartilham as memórias sobre suas experiências formativas na cidade. Da mesma forma que um pioneiro abre caminhos em sua expedição, há no transitar desses sujeitos pela cidade uma sucessão de inaugurações e

4 Cursos de design no Brasil até então: 1962 – FAUUSP; 1963 – Esdi; 1964 – Fuma; 1969 – EBA/UFRJ; 1970 – FAAP; 1970 – UFMA; 1971 – Mackenzie; 1972 – UFPE; 1972 – PUC-RIO; 1972 – Unifran; 1973 – Farps; 1975 – Farias Brito; 1975 – UFPR; 1975 – UCPR; 1975 – Mauá. (FOLLMANN; BRAGA, 2014)

acessos. Retornamos àquela afirmação proferida por Marília e prosseguimos com sua conclusão:

Não tínhamos sala! Aí eles queriam acabar com o curso. Aí que a gente se matou pra não acabar com o curso. Então... por isso que o *buggy*⁵ é tão conhecido. Porque a gente tinha que ir de uma faculdade pra outra, ou era de ônibus (...) A Fulana tinha uma moto, iam de moto com ela, ia de *buggy* comigo. Outro que podia ter um carro, a gente entupia de gente e ia pras aulas. Era assim que acontecia. Pro curso não deixar de existir. (ISFER, 2020)

A partir desse depoimento é evidente a inserção desses(as) discentes também como agentes políticos na manutenção do curso. A circulação pela cidade não se dava somente na busca das aulas para a sua formação acadêmica, mas também para o “curso não deixar de existir”. Observamos nos depoimentos cedidos, de diversas maneiras, a reivindicação da manutenção do curso e reconhecemos como um dos vínculos estabelecidos entre todos(as) os(as) discentes concluintes, um projeto coletivo⁶ que fez parte da constituição da identidade desse grupo. Salientamos que a viabilidade desses projetos depende do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades⁷. O projeto coletivo, por sua vez, não é vivido de modo homogêneo pelos indivíduos que o compartilham, existindo diferenças de interpretação devido a diversas particularidades. No caso estudado, como dito, a manutenção do curso é reivindicada por meio de diversas experiências narradas.

A circulação pela cidade se dava de diversas maneiras: carros, motocicletas, *buggy*, ônibus, Kombi, caronas, bicicletas. São citados pelo menos seis “pontos” (MAGNANI, 2014, p.8) com aulas recorrentes: Campus Reitoria em diversas salas e anfiteatros do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes; Campus Politécnico em diversas salas de desenho e ateliês dos departamentos

- 5 Marília tinha um *buggy* amarelo e ele foi citado de forma nostálgica por três interlocutores como um meio de transporte para os locais das aulas. *Buggy*, ou bugue, é um automóvel de pequeno porte e geralmente utilizado para recreação. Nesse caso, por Marília ser a filha mais nova e ter recém completado 18 anos, ganhou o *buggy* para se locomover na cidade.
- 6 Entendemos projeto da mesma forma que Gilberto Velho (1994), ou seja, como a conduta organizada para atingir finalidades específicas.
- 7 A noção com a qual dialogamos aqui é a de Gilberto Velho (1994), que se baseia em Georg Simmel e Alfred Schutz. O campo de possibilidades trata do que é dado como alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura (VELHO, 1994, p.28).

de Engenharia e de Arquitetura; Campus das Ciências Agrárias em salas e quadra poliesportiva para as disciplinas de Educação Física; Escola Técnica⁸ em salas de desenho e oficina; Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) em anfiteatros compartilhados com a turma de desenho industrial daquela instituição; Centro de Criatividade de Curitiba em ateliês e oficina. Consideramos estes pontos como os principais na formação dos discentes, no entanto, entendemos outros pontos citados como importantes. Abaixo ilustramos os pontos principais no mapa total da cidade para denotar a centralidade dos pontos em relação à geografia da cidade:

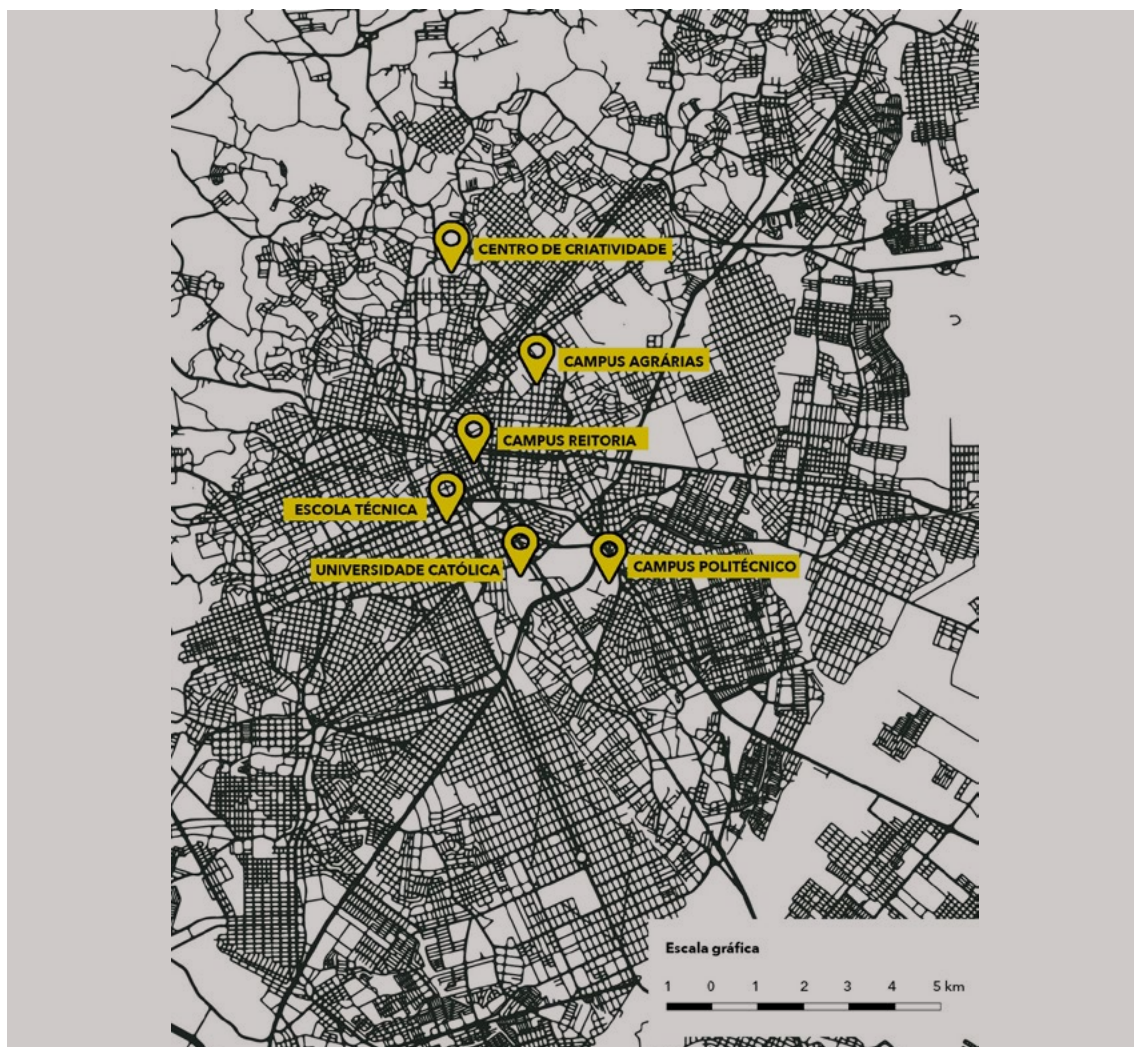


FIGURA 3. Mapa com os pontos principais da formação dos discentes em Curitiba – fonte: Sartor Design e modificado pelo autor (2021)

8 A Escola Técnica Federal que os discentes se referem é o Centro Federal Tecnológico (CEFET-PR), atual Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Grande parte desses pontos foram ocupados semanalmente por essa turma durante toda a formação, geralmente para assistir aulas em conjunto com grupos de outros cursos. Newton Gama, discente de desenho industrial da primeira turma, explicita como se dava a circulação por eles na semana:

(...) tinha dia que era manhã toda no Centro de Criatividade... começava às 7h30 até o meio-dia (...) Aí de tarde tinha duas aulas de física no Centro Politécnico... aí no dia seguinte tinha aula a partir das nove lá na... no prédio da Universidade ali na Reitoria, né, tinha aula de axiologia das 9h até às 11h30, e de tarde normalmente era o pessoal de design industrial, tinha que fazer as matérias mais matemáticas, assim, lá no Politécnico. E como a gente, assim, por exemplo, eu era desenhista, o Zé (Merege) também, os Razera... a gente tinha horários flexíveis. Então eu ia trabalhar. De repente eu: “opa, preciso pegar o ônibus lá pro Politécnico”, daí saía, ia pro Politécnico, assistia a aula e voltava pro escritório... era uma coisa assim, é, era uma confusão... cada dia da semana era diferente assim. (GAMA, 2020)

O depoimento de Newton Gama explicita alguns percursos recorrentes percorridos pela turma no espaço mais abrangente da cidade, denominados aqui como “trajetos” (MAGNANI, 2014, p.10). A partir de suas casas ou locais de trabalho, esses discentes se deslocavam para um ou dois pontos para as aulas. Aqueles que trabalhavam ou estagiavam, a maioria desse grupo durante maior tempo da formação, tinham que se deslocar para a empresa para depois retornarem às suas casas.

Os trajetos do grupo raramente eram cumpridos a pé, com exceção dos mais centrais, como entre a Reitoria e a Escola Técnica (cerca de 30 minutos a pé) ou entre os seis pontos principais e bares, padarias, lanchonetes e eventos culturais que aconteciam nas adjacências.

Ainda em relação aos trajetos dos discentes, com exceção dos dois locais centrais (Campus Reitoria e Escola Técnica), todos os outros (Centro de Criatividade de Curitiba, Campus Agrárias, Campus Politécnico e PUCPR) se situam em bairros vizinhos ou mais distantes do centro da cidade, entre 5km e 12km. Geralmente esses trajetos demoravam de 15 a 20 minutos de carro e aproximadamente 30 minutos de ônibus. O ponto mais distante das áreas centrais era o Centro de Criatividade de Curitiba, situado ao lado do Parque São Lourenço. Para exemplificar, o trajeto entre os pontos mais longínquos (Centro de Criatividade e Campus Politécnico) demorava aproximadamente 30 minutos de carro e aproximadamente 1 hora e 30 minutos de ônibus.

Indo a lugares mais distantes e outros menos para terem acesso às aulas e às práticas do curso, estes discentes promoveram entre si organizações de itinerários e horários, redes de caronas, definições de locais de espera. Esses caminhos geraram situações de mutualidade e indiferenças, amizades e desacordos. O reconhecer-se como estudante de design se dava no trânsito pela cidade carregando materiais⁹ de desenho e pintura, modelos, maquetes, estudos volumétricos, cartazes etc.

Vemos essa forma de organização por estes estudantes aderindo ao conceito de tática, de De Certeau (1994, p.100). Nele, o autor denomina como as formas em que as pessoas se articulam, muitas vezes reativamente, para se manter autônomas. Tática é “movimento”, o sujeito “aproveita as ocasiões e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas”.

O já mencionado *buggy* de Marília Isfer se torna um desses espaços de sociabilidade entre os alunos. Em seu depoimento, nota-se as relações que se criam a partir da possibilidade de ela dar carona para colegas da turma. Um desses colegas é o Julio Bertola, discente, também interlocutor dessa pesquisa. Julio morava no mesmo bairro que Marília e essa relação de amizade se estreitou a partir das caronas e trajetos compartilhados. Em um desses trajetos, entre a Reitoria e o Centro Politécnico, Julio conta uma aventura que passaram dentro do *buggy*: Marília, motorista recém habilitada, decidiu tomar um caminho alternativo para o Centro Politécnico e adentra um território considerado perigoso por eles, à beira do Rio Belém, um dos principais rios de Curitiba. Durante o trajeto, uma “molecada” avista do alto de um barranco o veículo de capota aberta e começa a tacar pedras neles. Julio conta em tom anedótico que foi “a primeira vez que ela engatou a terceira marcha no carro” (BERTOLA, 2020).

Da mesma forma que os trajetos provocavam situações de cumplicidade e estreitavam laços, também aconteciam situações jocosas e constrangimentos. Os irmãos Razera por algumas vezes utilizavam a Kombi da família para ir aos pontos mais distantes das aulas. Toni Razera conta uma situação, nesses momentos de carona, em que alguns amigos mais próximos do curso

9 Marília Isfer relata situações de carregar os materiais de aula pela cidade e alguns acidentes em seus trajetos: “(...) quantas vezes a gente saía da faculdade... não foi nem uma nem duas. Colocava todo o material em cima do carro, sair com o carro, material cair no chão. Quebrar todo o material... que ficava em cima da capota do buggy. Não só eu mas outros... quantas vezes! Ou você botar o trabalho e sair dirigindo e cair o trabalho. Ele cai ali na Rua xv, passa o ônibus por cima (...)”. (ISFER, 2020)

resolvem “pregar uma peça” em outro colega de apelido “Moita”¹⁰. Toni descreve de forma breve quem era esse colega e o que fizeram:

(...) E ele vinha, era do nosso grupo, mas não era da amizade nossa. Mas ele vinha e entrava na Kombi. Era do nosso curso, mas ele era meio chatinho assim, aqueles cara que você não... e aí entrou esse Moita. Daí, não sei quem falou, se foi o Newton, ou outro: “vamos dar um susto nesse cara”. E eu peguei a Kombi, entrei na BR¹¹ e fui para Paranaguá¹²! [risadas] Fui para Paranaguá! O cara começou se apavorar, né! “Onde é que você tá indo?”, “Ah, nós vamos até Paranaguá”, “Não, não, não! Me deixa aqui!”, “Ah, tá, tudo bem”. Parei o carro, deixei ele, aí eu fui um pouquinho mais, fiz a volta e voltei! [risadas]. Deixei o cara lá! [risadas] (RAZERA NETO, 2020)

Entendemos a partir dessa narrativa que as relações entre os integrantes do grupo não eram somente de reciprocidade e que os trajetos também promoviam relações de diferença, assim como define Silva (2003, p.58). Nesses moldes, consideramos a diferença como “um produto derivado da identidade” e vemos nesse caso relatado anteriormente um “processo de diferenciação” ativamente produzido entre esses designers em formação. Essas relações de poder, criadas a partir de diversos acontecimentos do curso, formaram diferentes designers, demarcaram fronteiras, classificaram sujeitos e dessa forma os incluíram e excluíram de grupos.

4. Considerações finais

Este artigo buscou apresentar parte dos procedimentos metodológicos, fontes, universo de pesquisa e resultados de uma pesquisa com o intuito de evidenciar as sociabilidades e circulações de discentes da primeira turma de comunicação visual e desenho industrial em seu contexto de formação. Por meios de autores como Barnes (2009), Simmel (1971), Magnani (2014) e De Certeau (1994) é possível determinar suas sociabilidades, circulações, redes e práticas dentro dos espaços, relacionando as experiências do curso (BONDÍA, 2002) com as constituições destes sujeitos em designers.

10 Não foi identificado quem seria o aluno com apelido Moita. Foi perguntado a três interlocutores e todos reconheciam o aluno pelo apelido, mas não souberam dizer seu nome. Ele não chegou a concluir o primeiro ano do curso.

11 O campus Centro Politécnico fica ao lado de um dos acessos à BR-277 que liga Curitiba ao litoral paranaense.

12 Paranaguá é uma cidade litorânea do estado do Paraná e fica aproximadamente a 100km de Curitiba.

Acredita-se que tais ferramentas como mapas, rede de interlocutores, infográficos de espaços, entre outros, ajudaram no entendimento das circulações pela cidade assim como para localização dentro dos espaços. Os espaços por sua vez, são (re)construídos por meio das descrições, das experiências destes sujeitos que mostram em suas artes de fazer, suas constituições em designers.

Entendemos que o caráter itinerante da turma e os agenciamentos em diversos locais fazem parte da formação destes(as) discentes em designers. Esta turma, por estes elementos de sociabilidades e circulação em suas táticas (CERTEAU, 1994), se organizaram de maneira a reivindicar atividades e a própria manutenção do curso. A partir da explicitação de métodos e dos resultados parciais buscamos oferecer espaço para discussão da formação de discentes em design pelo olhar da experiência.

Referências

AGULHON, M. **Política, imagens, sociabilidades**: de 1789 a 1989. Política, imagens, sociabilidades, 2016.

ARAUJO, A. **Em Curitiba o maior centro de criatividade da América Latina**. Diário do Paraná, Curitiba, 4 nov. 1973, p. 4

BARNES, J. A. **Redes sociais e processo político**. In: FELDMAN BIANCO, B. Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos. São Paulo: UNESP, 2009.

BERTOLA, J. 04/2020. Entrevistador: OLIVEIRA, A. Curitiba, Paraná. 20/04/2020.

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista brasileira de educação, n. 19, p. 20-28, 2002.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.

CERTEAU, M. de. **Artes de fazer**: a invenção do cotidiano. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORRÊA, R. de O. **Narrativas sobre o Processo de Modernizar-se**: uma Investigação sobre a Economia Política e Simbólica do Artesanato Recente em Florianópolis, Santa Catarina, BR. Florianópolis: UFSC, 2008. Tese (Doutorado) do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

DURAN, M. C. G. **Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau**. Revista Diálogo Educacional, v. 7, n. 22, p. 115-128, 2007.

FOLLMANN, G., BRAGA, M. **Criação e implantação do curso de “Design” da UFPR**. In: Histórias do Design no Paraná(264). Curitiba, PR: Editora Insight., 2014

FRÚGOLI JR, H. **Sociabilidade urbana**. Editora Schwarcz – Companhia das Letras, 2007

GAMA, N. 04/2020. Entrevistador: OLIVEIRA, A. Curitiba, Paraná. 22/04/2020.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

ÍSFER, M. 04/2020. Entrevistador: OLIVEIRA, A. Curitiba, Paraná. 23/04/2020.

LAPERRIÈRE, A. **Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos**. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J.; GROULX, L.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. A Pesquisa Qualitativa. Enfoques epistemológicos e metodológicos. 4ª. Edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2014. (Coleção Sociologia). pp. 386-435.

MAGNANI, J. G. C. **Circuito**: propuesta de delimitación de la categoría. Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 15, 2014.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILES, M., HUBERMAN, M. e SALDAÑA, J. **Qualitative Data Analysis: a Methods Sourcebook**. 3a ed. Tucson: Sage Publications, 2014

OLIVEIRA, A. A. **Memórias discentes das experiências no cursos de comunicação visual e desenho industrial da Universidade Federal do Paraná entre 1975 e 1978**. Orientador: Ronaldo de Oliveira Corrêa. 2021. 195 p. Projeto de pesquisa de doutorado (Doutorado em Design) – Programa de Pós-graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2021.

RAZERA NETO, A. 09/2020. Entrevistador: OLIVEIRA, A. Curitiba, Paraná. 15/09/2020.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

SIMMEL, G. **Grundfragen der Soziologie**: Individuum und Gesellschaft. Berlin e Leipzig: Ed. Hofenberg, 1917.

SIMMEL, G. **Forms of Social Interaction**. In: LEVINE, D. On individuality and social forms. Chicago: University of Chicago Press, 1971. (Coleção The Heritage of Sociology). pp.41-140.

VELHO, G. **Projeto e Metamorfose**: Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, G. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

Como referenciar

OLIVEIRA, Alexandre Antonio de; CORRÊA, Ronaldo de Oliveira. Experiências itinerantes da primeira turma da Universidade Federal do Paraná (1975-1978). **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, pp. 116-137, set./2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2022.64256>



A revista **Arcos Design** está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 17/12/2021 | Aceito em 04/02/2022